

Projeto: Entre a casa, as ruas e as instituições: crianças e adolescentes em situação de rua e as instituições de acolhimento no estado do Rio de Janeiro

Levantamento da produção acadêmica sobre acolhimento institucional para crianças e adolescentes (2000-2019)

Coordenação: Irene Rizzini (PUC-RIO/CIESPI - Apoio: FAPERJ/CNE)

Ficha

1) Referências – BOTELHO, Adriana Pedreira; MORAES, Mayara Cristina Muniz Bastos; LEITE, Ligia Costa. Violências e riscos psicossociais: narrativas de adolescentes abrigados em unidades de acolhimento do Rio de Janeiro, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20, 7-16, 2015.

2) Resumo e Palavras-chave – Este artigo é parte do resultado do Projeto de Extensão Juventude, Desafiliação e Violência, desenvolvido no Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2008. Tem como objetivo apresentar, a partir da voz de adolescentes, experiências de violências vividas em três diferentes contextos: família, rua e unidades de acolhimento (UA). Foram entrevistados 30 adolescentes, que estavam abrigados em cinco UA, no município do Rio de Janeiro. Utilizou-se o enfoque qualitativo, a fim de explorar uma realidade pouco conhecida, buscando o entendimento contextual a partir da visão dos atores sociais. Para atingir o objetivo proposto, este estudo recorreu à contribuição da história oral, como metodologia para coleta dos dados, e à teoria da comunicação, como método de análise para articular, através das narrativas dos adolescentes, as vivências objetivas/subjetivas, estabelecendo categorias e pontos de análise que atravessam estas vivências. Os resultados apontaram que os abrigados estão expostos a diversos riscos psicossociais relacionados às violências vividas nos cenários abordados. Por fim, percebeu-se a necessidade do estabelecimento de uma rede intersetorial eficaz visando à integralidade da assistência aos adolescentes.

Palavras-chave: adolescência; políticas públicas; riscos psicossociais; unidades de acolhimento; violências.

3) Objetivo do estudo – Este artigo é parte do resultado do Projeto de Extensão Juventude, Desafiliação e Violência, desenvolvido no Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2008. Tem como objetivo apresentar, a partir da voz de adolescentes, experiências de violências vividas em três diferentes contextos: família, rua e unidades de acolhimento (UA).

4) Tipo de pesquisa – Qualitativa.

5) Período da pesquisa – Desenvolvido no ano de 2008.

6) Forma de coleta de dados – Foram entrevistados 30 adolescentes, entre 13 e 17 anos que estavam abrigados em cinco UA (quatro instituições do sistema de abrigo da Secretaria Municipal de Assistência Social do Rio de Janeiro (SMAS) e uma ONG). Estas instituições funcionavam como casas de passagem, triagem e permanência.

7) Forma de análise dos dados produzidos / referencial teórico – Para atingir o objetivo proposto, este estudo recorreu à contribuição da história oral, como metodologia para coleta dos dados, e à teoria da comunicação, como método de análise para articular, através das narrativas dos adolescentes, as vivências objetivas/subjetivas, estabelecendo categorias e pontos de análise que atravessam estas vivências.

8) Resultados / dados produzidos – Os resultados apontaram que os abrigados estão expostos a diversos riscos psicossociais relacionados às violências vividas nos cenários abordados. Por fim, percebeu-se a necessidade do estabelecimento de uma rede intersetorial eficaz visando à integralidade da assistência aos adolescentes. Pôde-se constatar, através das entrevistas realizadas pelo Projeto de Extensão Juventude, Desfiliação e Violência, e também através do trabalho - Leite LC, coordenadora. Violência, juventude e saúde mental, IPUB, UFRJ; 2011 desenvolvido por este grupo de pesquisa, dificuldade em cumprir a função efetiva de proteger e favorecer a construção de sujeitos, quando o objeto da atenção ainda é o adolescente com problemas, e não o sujeito de direitos. As equipes das UA evidenciaram despreparo no manejo com os adolescentes abrigados. Também, pôde-se averiguar que as funções de educador social, cozinheira, motorista, serviços gerais são preenchidas sem um critério bem definido. Muitos chegam às UA porque se encontram desempregados e conhecem alguém que já trabalha lá. Após contratados, não recebem treinamento inicial para ter suporte no trabalho que irão executar. A “capacitação” é adquirida na prática, antes mesmo que a direção faça o primeiro contato e avalie o perfil do profissional e suas qualificações. A seleção para a entrada na equipe técnica também não segue um critério de especialização ou de desejo pessoal. Os profissionais são aprovados em concurso público e alocados nas UA, sem que os gestores levem em conta, minimamente, seu histórico profissional. Portanto, o processo de entrada de profissionais nas UA contraria o documento Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes (2009), visto que não há processo de recrutamento e de seleção baseado em um perfil, assim como não são considerados critérios para a devida ocupação dos cargos e para o apropriado desempenho de tarefas. De fato, parece não existir preocupação em assegurar que profissionais destinados a trabalhar com abrigados sejam devidamente qualificados e supervisionados a fim de dar conta de tarefa tão singular e complexa. Este artigo expôs a violência silenciosa (sobrepondo e se associando aos outros diversos tipos de violência) como emergiu das narrativas dos adolescentes e se mostrou presente, pela voz dos abrigados, no abandono e/ou proteção pela família, ruas e UA, nos recursos individuais, nos laços afetivos nem sempre construídos. Ela ainda pôde ser vista na “nova institucionalização”, existente nos atuais dispositivos de proteção, levando os abrigados à dependência socioemocional da rede de assistência social após os 18 anos.

Metade dos entrevistados declarou, em suas entrevistas, o desejo de continuarem de alguma forma institucionalizados, seja nas forças armadas, polícias ou trabalhando na própria rede de acolhimento. No dizer de Pedro Pelegrino, o processo formador nessas instituições “visa educar tentando abolir do sujeito sua diferença e, depois de concluído o processo, lançar este mesmo sujeito num mundo que exigirá dele o exercício de uma diferença para a qual está despreparado”. A experiência exitosa da intervenção nas UA, baseada em pressupostos da reabilitação psicossocial em um trabalho de mediação de conflitos, propiciada pela parceria entre IPUB/UFRJ e Secretaria Municipal de Assistência Social do Rio de Janeiro (SMAS), pôde fornecer elementos para evidenciar a necessidade de construção de uma rede intersetorial (em especial assistência social, saúde e educação) eficaz que tenha como objetivo à integralidade da assistência aos adolescentes, particularmente, a atenção psicossocial desses sujeitos, de modo a lhes dar possibilidades de constituir uma identidade adulta e desenvolver sua maturidade emocional com autonomia após os 18 anos.

9) Recomendações – Estudos adicionais deverão ser realizados para refinar temas e hipóteses apresentadas no presente artigo, como a integralidade das políticas públicas para investir na saúde mental dos profissionais e adolescentes que se encontram em ambientes onde medidas de proteção especial são efetivadas; ou mesmo a precarização do trabalho realizado por várias categorias nas Unidades de Acolhimento para adolescentes.

10) Observações e destaques –

Ficha construída a partir de trechos extraídos do texto original.